

# Quadro negro não basta

Em vez de aprenderem o a-bê-cê escrito no quadro negro, as crianças ouvem música, fazem projetos de ciência e até cozinham bolo de banana no refeitório. No meio de cada atividade, a lição flui e o aprendizado se torna natural. O projeto, sucesso em

Goiás, Pernambuco, Paraíba, Sergipe e Tocantins, precisa de seis meses para que meninos e meninas saibam ler e fazer as primeiras contas. Os benefícios vão além de ensinar crianças e adolescentes a escrever e colocá-las de volta no rumo do aprendizado.

Além da pedagogia, o núme-

ro de alunos é outro diferencial. De acordo com o diretor Wandeir Silva, da Escola Classe 2 do Paranoá, as turmas na escola têm uma média de 35 alunos. No Se Liga e no Acelera — que atende meninos que estão com defasagem mas sabem ler e escrever — o número cai para 20.

“É claro que quando a sala de aula está cheia os professores e coordenadores enfrentam mais dificuldade em ensinar”, argumenta. A escola desenvolveu este ano um amplo programa de incentivo à leitura.

De acordo com o Instituto Ayrton Senna, 93% dos 53.082

alunos atendidos pelo Se Liga no ano passado foram alfabetizados. Os alunos estão distribuídos pelas redes de ensino de 527 municípios e contaram com o trabalho de 4.280 educadores. Desde a implementação, em 2001, o Se Liga atendeu a 331.897 crianças de 403 municípios. (EK)